

RESENHA

RICCIARDI, Rubens Russomanno. *Contra o identitarismo neoliberal: um ensaio de poésis crítica pela apologia das artes*. São Paulo: Contracorrente, 2023.



Elena Barbosa Nascimento
Universidade de São Paulo
elena.b.nascimento@usp.br

Paulo Eduardo de Barros Veiga
Universidade de São Paulo
pauloveiga@usp.br

Publicado em 17 de novembro de 2023, o livro de Rubens Russomanno Ricciardi, *Contra o identitarismo neoliberal: um ensaio de poésis crítica pela apologia das artes*, propõe uma nova epistemologia – a *Poésis Crítica*. Nela, discutem-se, em âmbito contemporâneo, questões

fundamentais sobre Arte e Filosofia, em uma postura de combate intelectual aos sectarismos identitários e neoliberais e, por conseguinte, à hostilidade e ao esquecimento das artes e de todo pensamento intelectual que se firme no exercício hermenêutico, crítico e filosófico em diálogo desde o mundo grego.

No livro, enfrenta-se a *hostilidade às artes* – capítulo integrante do livro – no qual ações violentas contra as artes são explicadas enquanto provenientes de “dogmas neoliberais somados ao desprezo pela arte” (p. 119). O autor exemplifica tais atos e questiona a ideologia que coloca as obras de arte sob alvos de hostilidade, vandalismo e censura:

Uma tela de Di Cavalcanti foi danificada pelo vandalismo no Palácio do Planalto, em Brasília, também a 8 de janeiro de 2023. Outra obra de Di Cavalcanti havia sido censurada poucos dias antes numa exposição na USP: os identitários alegaram uma suposta sensualização da mulata por parte do pintor. Vandalismo ou censura, por que ocorre a barbárie cultural, seja neofascista, seja identitária, contra a arte? (p. 120).

Para compreender esses fenômenos contemporâneos de ataque às artes ou seu esquecimento, o autor propõe a separação indispensável entre Cultura e Arte, uma vez que *poiesis* – “inventar, compor, fazer, produzir”, mas também “produção não alienada no seu sentido mais revolucionário” (p. 45) – não pode ser cultura, em seu sentido forte. Rubens Russomano Ricciardi defende a importância do conhecimento da *poiesis* para a *práxis* do artista, sem que se desassocie a tríade fundamental: *poiesis*, *theoria* e *práxis*.

o conhecimento da *poiesis* – daí *lógos* poético – é essencial para o profissional da *práxis*, o qual tem que compreender a linguagem poética de cada artista autor, trabalhando desde as suas fontes primárias para poder melhor interpretá-la (...) levando a sério os limites da interpretação (p. 55).

Nesse sentido, também é importante a diferenciação entre o produto da arte e aquilo que é da indústria da cultura. Afinal, a *poiesis*

“define a condição ou não de indústria da cultura, para que possamos reconhecer a obra de arte de modo diferenciado do enlatado da cultura” (p. 87). Sob a ótica antineoliberal do livro, a indústria da cultura pode ser entendida enquanto “um conceito que deve soar mal e mesmo causar constrangimento” (p. 80) – por isso, renega-se o uso do termo “indústria cultural” – pois o objetivo é destacar o problema que é a cultura – um mal-estar, já diria Freud em seu livro *Das Unbehagen in der Kultur*, de 1930.

O culturalismo – que coloca a cultura como um ingente guarda-chuva, sob o qual reside tudo, todas as semióticas, em um valetudismo – confunde arte com um sistema burocrático e erudito que

surgiu no início do século XX e desenvolveu novas tecnologias de comunicação de massa, impondo produtos audiovisuais e *best-sellers* fabricados em série e padronizados de acordo com o perfil e as classes de consumidores passivos e desprovidos de espírito crítico, garantindo a sobrevivência cultural hegemônica do capitalismo (p. 83).

Já a *poiesis*, nunca dissociada da *theoria* e da *práxis*, exige o exercício crítico e revolucionário e “incorpora os princípios da *mimesis* e do distanciamento crítico, quando o mundo da obra, por analogia ou ironia, interage ainda mais radicalmente com o mundo da vida” (p. 47).

A obra, portanto, propõe uma integração entre o poético e o filosófico – uma vez que a filosofia é “o avesso do conhecimento concebido enquanto bloco monolítico” (p. 67) – haja vista que “o filósofo estabelece relações numa perspectiva crítica, vivenciando vários cenários, sem encerrar os seus conhecimentos num único” (*ibidem*). Nesse viés, para o entendimento do que as artes são, exige-se o espírito crítico, que valoriza o exercício epistemológico e hermenêutico.

Contra a estultícia neoliberal, Ricciardi defende o posicionamento crítico do ser, fundamental para a “transformação das circunstâncias da vida” (p. 68), uma vez que a “arte movimenta a humanidade sofredora” (*ibidem*). Em discussão tão importante quanto, o autor aponta o esquecimento da *poiesis* como falha na teoria marxiana: “Marx (...) mesmo que aponte para o potencial revolucionário na supraestrutura

e ainda que esta esteja intrincada nas tais formas ideológicas, acaba não diferenciando a *práxis* alienada, submissa à ideologia, da *poiesis* crítica, a linguagem revolucionária” (p. 78). Logo, o reconhecimento dessa falha é impulsionado pela ideia de que a “*poiesis* é uma forma de utopia”, o que leva à conclusão de que “não há revolução sem utopia. (...) a *práxis* político-econômica numa revolução, sem *poiesis* crítica, termina com o fracasso dessa revolução” (p. 69).

Em *Contra o identitarismo neoliberal*, a *poiesis*, portanto, é pilar do pensamento e da *práxis* do artista, bem como da formação de uma postura crítica que reconheça o que é indústria da cultura e o seu afastamento gradual das artes. A obra estabelece essa discussão como uma tentativa de restituição da “singularidade poética da arte popular, de uma determinada comunidade”, que frequentemente é “barganhada por um gênero da indústria da cultura que toma o seu lugar, quase sempre uma cultura massificada” (p. 76).

Essa barganha, por vezes, fomenta uma emancipação ilusória que acarreta no desconhecimento de que “as lutas das minorias só se fortalecem no contexto da luta de classes, enquanto crítica ao poder dominante e à vontade de sistema na acumulação do capital” (p. 108). Essas lutas não são feitas a partir da massificação e da alienação fornecidas pela indústria da cultura, mas – como ressalta o autor – pelo acesso às artes oportunizado pela educação integral e democrática. Vale lembrar aqui o alto índice de analfabetismo musical no país, maior que o literário.

A obra corrobora a conclusão de que a importância da alfabetização musical, conseqüentemente artística, é fundamental para a transformação da realidade material.

Num país pobre e subdesenvolvido como o nosso, temos que valorizar as escolas de música e os projetos sociais em artes ou por meio da música, viabilizando melhores condições de dignidade existencial e de desenvolvimento de um pensamento crítico para as nossas crianças e jovens (p. 126).

Assim, o livro denuncia, incessantemente, dois esquecimentos muito tristes à humanidade: o esquecimento da luta de classes e o

esquecimento das artes – além do esquecimento de que ambos os esquecimentos já foram esquecidos (esquecer-se de que se esqueceu – o pior lapso). Ambas estultícias, o esquecimento das artes e da luta de classes, assim, aniquilam a dignidade não somente dos artistas, mas de toda a sociedade, que sofre as consequências nefastas do identitarismo neoliberal, do culturalismo e da indústria da cultura. Por isso, o livro vai além e, em sua nova proposta epistemológica, atinge a questão do ser, em todos os campos da vida.

Sob o espírito de enfrentamento das ideologias, o autor revisa ou estabelece conceitos relacionados ao campo das artes e da filosofia, o que exige do leitor uma empatia intelectual, de quem se dispõe a rever e a reaprender – em busca de emancipação e mudança de ideias – tudo aquilo que já aprendeu sobre artes. Sem esse desejo de revisão, o leitor não se sentirá apto a perceber os engodos da ideologia da [indústria da] cultura e do identitarismo neoliberal. É o leitor mais inteligente que compreenderá que não existe filosofia sem ação e que a consequência de um erro epistemológico – a confusão entre arte e cultura, por exemplo – resulta no fim do artesanato do artista e, também, na falta de comida no prato.

Sobre os autores

Elena Barbosa Nascimento é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Com base nos estudos de John Dewey, sua pesquisa volta-se à sensibilidade estética. Participa do Grupo de Pesquisa Retórica e Argumentação na Pedagogia, cadastrado no CNPq. Possui Licenciatura em Letras (Português e Inglês) e atua na Educação Básica, seja lecionando, seja produzindo trabalhos de revisão e editoração destinados a estudantes.

Paulo Eduardo de Barros Veiga realizou pós-doutorado com bolsa FAPESP (Processo nº 2018/01418-2) e atuou como professor colaborador PART e professor temporário no Departamento de Música da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (DM-FFCLRP-USP). Graduiu-se em Música

e em Letras, tendo feito mestrado e doutorado na área de Estudos Literários, com enfoque em literatura clássica. Atualmente, além de atuar na USP Filarmônica, participa da tradução de uma plataforma de dados de imagem biomédica (*Software 3D Slicer*) junto ao Departamento de Computação e Matemática da FFCLRP-USP.